

A desilusão drástica¹

Ricardo Gomides,² São Paulo

Resumo: A partir do referencial teórico winnicottiano, o autor apresenta o conceito de desilusão drástica. Diferenciando essa experiência das desilusões constitutivas experimentadas ao longo do desenvolvimento emocional, discorre sobre as particularidades desse acontecimento psíquico. Nas desilusões drásticas, ocorreria um questionamento das bases perceptivas que outrora produziram uma união amorosa eivada de ilusões não questionadas. Também haveria supressão da confiança, componente do vínculo amoroso, bem como desfunção emocional, fusão que tornava íntegro o objeto, isto é, amado e odiado. O autor apresenta como exemplo dessas ocorrências o trabalho clínico com pacientes que passaram pela dor da traição conjugal. Também discute o manejo clínico surgido dessa compreensão teórica, apontando como a potência analítica no cuidado pode favorecer a reintegração psíquica.

Palavras-chave: desilusão drástica, ilusão, Winnicott, traição amorosa

Há uma situação clínica que todos os profissionais da área já enfrentaram: pacientes que chegam dilacerados por descobertas repentinas e totalmente contrárias às suas expectativas. Talvez o exemplo mais marcante sejam as traições conjugais, mas não podemos desconsiderar as rupturas entre sócios, familiares, e as decepções com líderes espirituais, políticos ou de outra ordem.

Por sua presença mais rotineira em consultórios, vamos tomar como modelo a escuta oferecida a quem foi descoberto traindo ou descobriu-se traído no âmbito amoroso. Essas pessoas trazem sofrimentos distintos e suscitam demandas transferenciais variadas na tentativa de superar essa dor que se estende por muitas sessões.

Não sou terapeuta de casal, e este trabalho não se endereça especificamente a essa clínica. Minha intenção é compartilhar uma ideia com a qual me vi trabalhando nessas situações, empregando um conceito derivado da seara winnicottiana. Como costuma acontecer, orientar-se conceitualmente dá origem a manejos clínicos coerentes. Adiante compartilharei alguns.

1 Agradeço ao Grupo de Estudos da obra de Winnicott do Instituto Sedes Sapientiae, onde estas ideias ganharam os primeiros traços. Na figura da interlocutora Renata Udler Cromberg, estendo meu abraço a todos os colegas. Também agradeço a Eva Wongtschowski por sua leitura generosa.

2 Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Doutor em psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP).

Para Winnicott (1975d), ilusão é um dos elementos responsáveis por formar e sustentar grupos humanos que compartilham silenciosamente os mesmos interesses. O silêncio aqui revela quais, exatamente, seriam esses interesses e os significados que comporiam a experiência compartilhada. A união entre torcedores do mesmo time, admiradores de uma obra de arte, correligionários políticos ou adoradores da mesma fé seria sustentada por elementos de ilusão que não devem ser confrontados nem discutidos. No encontro amoroso, elementos ilusórios também sustentam e dão colorido único a esse vínculo, exigindo o não questionamento de suas bases, pois isso colocaria em risco a própria união.

Comungantes de uma mesma religião, por exemplo, poderiam descobrir não compreender os mistérios da fé da mesma forma. O significado de um ato religioso ou a importância de certo jogador na trajetória de um time podem fomentar discórdias e afastamentos. Do mesmo modo, o significado atribuído a eventos na história de um casal, o valor de certos objetos para cada um deles e mesmo os pactos assumidos tacitamente podem ter diferenças importantes entre as partes, mantendo-se a união alicerçada, em grande parte, no não questionamento desses elementos. O que antes era capaz de unir em silencioso uníssono, ao ser questionado, pode se tornar fonte de separações e dissensos.

Winnicott chegou a essas conclusões construindo uma sofisticada rede de conceitos. Limitado pelo espaço desta comunicação, tentarei encadear brevemente as ideias elaboradas por ele, para depois encaixar uma possível engrenagem a mais em seu maquinário conceitual, apresentando o que seriam as desilusões drásticas.

Ilusão, desilusão constitutiva, área intermediária e objetos transicionais

A área intermediária de experiência é formada pela relação mãe-bebê, cujo paradigma é a alimentação ao seio. Ainda que essa referência facilite a apreensão e a exposição de Winnicott, devemos ter em mente sua descrição do conjunto de atividades de manejo efetuadas pela mãe. Todos os cuidados envolvidos em uma “técnica de maternagem” (Winnicott, 1975d, p. 26) seriam fundamentais para constituir a chamada “ilusão de onipotência” – ou seja, diante da fome, o bebê teria a capacidade psíquica primária de criar o objeto de satisfação a partir da necessidade. Essa criatividade tomaria forma quase simultaneamente à oferta do seio pela mãe.

O ponto em destaque é a adequação temporal mais precisa possível nesse encontro entre criatividade primária e oferta material do seio, fazendo o bebê sentir “que é ele quem cria os objetos que lhe são oferecidos” (Abram,

2000, p. 83). A repetição contínua desse processo daria origem a um fenômeno subjetivo chamado “seio da mãe” (Winnicott, 1975d, p. 26), e essa experiência iniciaria a formação do sentimento de confiança presente na ilusão de onipotência do bebê.

Para Elsa Oliveira Dias, esse conceito diz respeito ao “traço essencial da dependência e significa que o bebê não sabe nada acerca da existência de si mesmo ou do mundo externo” (2003, p. 172). Nessa ilusão, seria como se ele criasse ou portasse tudo de que necessita. Vale lembrar a imaturidade perceptiva do bebê, ainda incapaz de perceber a si mesmo e ao outro em sua inteireza ou separação; ainda não há relação de objeto, tampouco a percepção da mãe como ser separado dele, o que leva Winnicott a afirmar que “a onipotência é quase um fato da experiência” (1975d, p. 26).

A experiência fundante da ilusão de criar/possuir o que necessitamos é sustentada por um fato concreto: o seio ofertado no tempo certo pela mãe devotada comum (em estado de identificação regressiva com seu bebê). A ilusão se sustenta em um aporte de realidade concreta da qual o bebê não tem consciência. Esse débito para com a realidade, a percepção da mãe como objeto separado e o reconhecimento da dependência para com o outro resultarão do trabalho materno de desiludir o bebê; e esse processo, necessário e gradual, só ocorrerá se inicialmente houver a ilusão de onipotência. Serão decorrências da desilusão o incremento da formação de outros processos psíquicos (como o desenvolvimento do sentido de processo), os primórdios da atividade mental, o autoerotismo, o uso do fantasiar, recordar, reviver, bem como rudimentos das noções temporais de presente, passado e futuro (Winnicott, 1975d).

Isso ocorre à medida que a mãe promove a desadaptação ativa das necessidades do bebê, segundo o reconhecimento da capacidade gradual do filho de tolerar e lidar com suas falhas. A desilusão promovida aqui tem função constitutiva, pois favorece o acesso ao princípio de realidade e permite que a experiência de frustração se manifeste inclusive na forma de ódio, tornando reais os objetos – que podem ser tanto amados quanto odiados.

Suportar o ódio é um trabalho envolvido na desilusão constitutiva, sem que isso, no entanto, afete a dimensão de confiança do bebê no ambiente, pois o tempo de frustração será gradual e não excederá sua medida possível de tolerância a cada momento. Além disso, a confiança na mãe-ambiente é fundamental para se formar a área intermediária ou espaço potencial. No artigo “A localização da experiência cultural”, Winnicott desenvolve esta ideia:

Todo bebê tem aqui [na dependência do ambiente] sua própria experiência favorável ou desfavorável. A dependência é máxima. O espaço potencial acontece apenas *em relação a um sentimento de confiança* por parte do bebê, isto é, confiança

relacionada à fidedignidade da figura materna ou dos elementos ambientais, com a confiança sendo a prova da fidedignidade que se está introjetando. (1975b, p. 139)

A necessidade de compreender a natureza humana com essa terceira área decorre da ilusão de onipotência e da criatividade primária surgidas na relação mãe-bebê. Foi nessa área mista – intermediária entre subjetividade e objetividade – que surgiu o seio materno enquanto criação-percepção do bebê no vínculo com a mãe. A existência fundante desse objeto híbrido marcou o psiquismo humano, pois originou um modo de relação psíquica no qual se sobrepõe criação e encontro. Esse processo perduraria por nossa existência, tornando significativo somente o que fosse fruto de uma criação nossa sobre o que também é encontrado fora de nós.

O termo “área intermediária” é uma referência espacial, mas diz respeito à interação contínua entre elementos da criatividade primária, realidade interna e realidade externa – paradoxo que exige compreender o acontecer humano no “entre” que articula indissolivelmente as duas realidades, tendo pelo meio nosso psiquismo, capaz de criar singularmente o encontrado.

Evitando delimitar um intervalo de tempo no qual se dariam a ilusão de onipotência e a desilusão, e tendo como referência apenas o desmame como parte do processo, Winnicott traz a importância dos objetos transicionais que justamente “incidem na área intermediária” (1975d, p. 14); são eles que, ao surgir, terminam por manter, adensar e expandir (por dispersão) a área intermediária em meio às experiências culturais crescentes. Com isso, espalha-se a “substância da ilusão” no espaço das interações humanas.

Winnicott (1975d) demonstra numa representação gráfica que os objetos transicionais se posicionam exatamente sobre a área da ilusão, inicialmente sem bordas, mas que assume um contorno quando surgem os objetos transicionais. No esquema, a ilusão passa a ser vista no que parece um peixe, um boneco, um pano amassado; e surge um contorno para a ilusão sob a forma material do objeto transicional escolhido por cada criança. A essa primeira possessão não-eu do bebê são atribuídas qualidades de ser vivo, animado, caloroso e investido de afetos (ambivalentes inclusive). Isto é importante: o objeto transicional é antes de tudo um objeto, uma posse e uma criação do bebê.

Ainda de modo especial, os pais concedem ao encontro da criança com seu objeto transicional a benesse de não questionar sua natureza. De maneira taxativa, a pergunta “Você concebeu isso ou lhe foi apresentado a partir do exterior?” não deve ser feita (Winnicott, 1975d, p. 28). Isso permite à criança fazer do mundo a expressão de sua criatividade em desenvolvimento através das experiências com o encontrado-criado.

Por nascer na criatividade primária, na ilusão de onipotência, e tendo como meio a constituição do espaço intermediário de experiência (com os

objetos transicionais ali vivos), o contato com a realidade externa nunca atinge a qualidade de uma completa separação objetiva. Diz Winnicott:

Presume-se aqui que a tarefa de aceitação da realidade nunca é completada, que nenhum ser humano está livre da tensão de relacionar a realidade interna e externa e que o alívio dessa tensão é proporcionado por uma área intermediária de experiência que não é contestada (artes, religião, etc.). (1975d, pp. 28-29)

Um dos fatores responsáveis por nunca chegarmos na separação entre realidade externa e interna é o destino dos objetos transicionais que simplesmente perdem significado. Para o autor,

isso se deve ao fato de que os fenômenos transicionais se tonaram difusos, se espalharam por todo o território intermediário entre a “realidade psíquica interna” e o “mundo externo, tal como é percebido por duas pessoas em comum”, isto é, por todo o campo cultural. (p. 19)

Se o objeto transicional, como apresentado até mesmo em seu esquema gráfico, tinha caráter circunscrito, sua dissolução retoma a dimensão indefinida do espaço de vida do ser humano, esteja ele nos albores da infância ou no crepúsculo dos dias. No entanto, uma vez que a ilusão havia se conformado ao objeto transicional – ali encontrando um espaço de fruição consentida por todos –, ela não retoma a dimensão fundante da ilusão de onipotência, uma vez que o contato com a realidade concreta ganhou proporções cada vez mais importantes. Esta, afinal, é uma das funções da transicionalidade: favorecer a passagem do narcisismo primário³ à relação de objeto; favorecer a passagem do estado de dependência absoluta para a dependência relativa; favorecer a passagem do estado de fusão com a mãe-ambiente para o estado de separação entre eu e não-eu.

O contato com a realidade objetiva ganha maior valor pelo uso do transicional, mas não só por isso. Devemos lembrar dos desenvolvimentos maturacionais e psíquicos adquiridos na passagem da ilusão à desilusão, em que também se encontram ganhos sob o princípio de realidade, que provê satisfações mais duradouras através de tolerância à frustração, instrumentalização do pensamento, coordenação motora refinada e compreensão temporal de processos (Freud, 1911/2010).

3 Fulgencio (2016, p. 34) reconhece que Winnicott faz um uso singular do conceito de narcisismo primário, entendido aqui como o amálgama inicial do bebê com o ambiente em razão de sua imaturidade inicial, na qual não haveria um reconhecimento da separação deste em relação ao mundo ou sua mãe.

Junto aos ganhos com o contato e manejo da realidade, a ilusão permeia nossas experiências nesse derivado do transicional que é o brincar, para daí em diante imiscuir-se no fazer criativo, no sentimento religioso e no sonhar, tornando-se silenciosamente um elemento colaborativo no surgimento, na manutenção dos grupos e na participação em atividades culturais. Também nas relações amorosas o brincar é vivido. Como aponta Winnicott (1975a), adultos brincam com palavras, e a intimidade criativa do enamoramento dá outro tom, inclusive outra voz às palavras criadas por casais.

A importância do brincar, para Winnicott, ultrapassa a atividade lúdico-recreativa, embora também não se deva pensar apenas em sua função expressiva. Deve-se ter em mente a conexão entre o brincar e a participação na vida cultural. O artigo “O lugar em que vivemos” defende esta ideia:

Observe-se que estou examinando a fruição altamente apurada do viver, da beleza, ou da capacidade inventiva abstrata humana, quando me refiro ao indivíduo adulto, e, ao mesmo tempo, o gesto criador do bebê que estende a mão para a boca da mãe, tateia-lhe os dentes e, simultaneamente, fita-lhe os olhos, vendo-a criativamente. Para mim, o brincar conduz naturalmente à experiência cultural e, na verdade, constitui seu fundamento. (Winnicott, 1975c, p. 147)

Assim, no percurso teórico percorrido, temos a imbricação necessária entre criatividade primária e meio ambiente confiável dando origem a um objeto ao mesmo tempo encontrado e criado. Promover desilusões adequadas e proporcionais às capacidades crescentes de tolerância do bebê favorece sua integração psíquica, baseando-se tal progresso em elementos simultaneamente concretos (perceptivos) e psíquicos. Do surgimento da área intermediária à dispersão dos objetos transicionais no mundo cultural, como herdeiros da experiência de ilusão, temos a entrada do homem em uma experiência na qual não se pode dissociar plenamente realidade interna e externa, surgindo gestos espontâneos que são a marca de um viver criativo.

No encontro amoroso, os mesmos elementos teóricos encontram-se presentes, suscitando desilusões constitutivas necessárias enquanto se produz a dois uma realidade cujas matrizes ilusórias seguem atuantes. No entanto, desilusões drásticas podem surgir. Vamos a elas.

Desilusão drástica no domínio amoroso

Para facilitar a exposição, tomemos uma realização amorosa comum, isto é, que envolva disposição, encontro, tempo, ilusões e desilusões entre duas pessoas enamoradas. O amor requer os componentes da criatividade primária

para fazer surgir justamente aquilo de que se tem necessidade, no momento em que estamos prontos para isso – a ideia de que o sujeito cria o que encontra, pois era exatamente disso que precisava, mesmo antes de sabê-lo. Algo de nossas ilusões ganha suporte na presença coerente, contínua e confiável do outro, permitindo uma experimentação do viver em planos ainda não explorados.

A criatividade vivida no espaço potencial dá forma a uma linguagem única, um toque singular, uma intimidade que faz as horas ganharem as cores do corpo ou a voz das histórias compartilhadas, no tom que somente o casal conhece. Inventamos mundos fora de nós na medida em que, junto ao outro, constituímos uma experiência que revisita nossos passados, fabrica nosso futuro e dá sentidos únicos ao presente.

Amar entrelaça memórias em um tempo complexo. Quando fiamos nossas histórias ao outro, também ele passa a compor essa meada, pois o que contamos passa a ser dos dois. Esse movimento recíproco de fiar em parceria, de confiar, dá margem para as pulsantes ilusões fabricarem suas esperanças no que unirá o casal em torno de um futuro comum, sonhado por cada pessoa à sua maneira silenciosa.

A realidade, com a gravidade que lhe é característica, encarrega-se de pôr ao chão algumas dessas benfazejas esperanças, exigindo do casal disposição para fazer as desilusões trabalharem em direção a um amadurecimento necessário e possível. Sendo favorável o solo de confiabilidade e viva a criatividade de ambos para, juntos, seguirem brincando, terão vigor suficiente para serem inteiros, decepcionando-se e odiando-se às vezes, na justa medida do que criam e suportam amorosamente. As decepções constitutivas servem como ingresso contínuo, cada vez mais profundo e verdadeiro na realidade, tomando-a como grave, posto que é, e fazendo-a leve quando se brinca.

De outro modo, há desilusões que não se prestam à constituição. Penso especificamente no trabalho tanto com pacientes que se descobrem traídos quanto os que são pegos traindo o parceiro ou a parceira. O nome deles cada um pode preencher; não precisa ser fictício. Todos conhecemos e já escutamos casos assim.

Uma mensagem de celular denuncia o que acontecia de forma alheia à vontade do parceiro, não concebido por suas criatividade primárias, não contemplado na área intermediária. Outra pessoa não fazia parte das ilusões tecidas ao longo dos anos. Uma descoberta repentina, dolorosa, invasiva. Uma quebra na continuidade do tempo, na ordem dos dias, no plano do futuro. Uma desilusão drástica.

Sem preparação, sem indícios que fizessem a dúvida questionar o vínculo, sem discordâncias quanto às intenções e votos que trocavam. Uma bomba. Uma explosão do cotidiano. Uma implosão subjetiva. Um desmoronamento sentido no corpo que desfaz a dureza intangível da realidade.

Nessa situação há um sujeito responsável pela desilusão, o que orienta um certo destino a esse acontecimento. Ele responde por isso e experimenta os efeitos da desfunção emocional. Torna-se odiado e odiável, alvo de ataques e impropérios. Torna-se evidente o que se feriu. A exposição pessoal, baseada na confiança, permitiu a expansão da criatividade. A espontaneidade, daí derivada, é preciosa. É a carne do cerne. Essa desilusão dói tanto porque fere uma criação surgida e cultivada a dois, ao longo do tempo, sobre um solo de confiança e ilusões compartilhadas sem questionamento.

Todavia, quando o sujeito responsável pela desilusão nega os fatos, tem-se um desarranjo ainda mais pronunciado entre percepção e confiança. O objeto criado-encontrado surgiu baseado no reconhecimento da realidade eivada de ilusões. Negar a objetividade, quando verídica, corrompe a confiança possível por não ter mais alicerce na realidade externa, exigindo-se a submissão do parceiro em recusar o que veio a saber.

O destino de um casal marcado pela submissão e recusa da percepção surgida não é dos melhores. A criatividade responsável pela espontaneidade perde viço, pois há um campo amplo de diálogo e realidade extraído do mundo compartilhado. Com isso a formalidade sobressai, enquanto os dias seguem seu curso de aparência e falseamento. A integridade emocional do vínculo deixa de existir, pois a recusa impede o ódio de se expressar; a reboque, sem ódio também não há amor. O silêncio não preserva as ilusões que unem e são criadas continuamente no espaço potencial. Agora, o silêncio significa uma morte em vida do eu criativo, submisso à realidade empobrecida. No lugar da brincadeira surge a opacidade da rotina ao lado do outro.

No momento seguinte à desilusão drástica não há integração psíquica. Talvez isso ocorra no futuro, mas sua revelação gera um não reconhecimento da realidade até então compartilhada. A base da área intermediária – aquela surgida com o seio materno criado-percebido e incrementada pelos objetos transicionais – tem na percepção um de seus fundamentos. Há um seio. Há um objeto encontrado que é ao mesmo tempo criado e vivificado pela criatividade primária, pela ilusão. A continuidade do objeto de modo confiável permite sua manipulação, chegando o tempo de uma desilusão tolerável, “homeopática”, para utilizar a feliz expressão de Fulgencio (2016, p. 42).

Ocorrida a desilusão drástica, o fundamento perceptivo que sustentava as ilusões passa a ser questionado, pois a confiança foi desfeita. É como se o sujeito –especialmente quem sofreu a traição – não mais reconhecesse o antigo objeto de amor. “Quem é você?” torna-se uma pergunta repetida continuamente no ambiente assaltado por esse tipo de desilusão.

A mesma pergunta também ecoa em nossos consultórios, uma vez que o par amoroso certamente se torna objeto de trabalho. Recorre-se ao analista para uma aferição perceptiva desesperada, num pedido de ajuda que visa o

escrutínio de indícios passados que pudessem antecipar esse desfecho mas não foram vistos. A defusão emocional afeta a percepção, tingindo de ódio até mesmo a apreciação estética: o que era beleza se fez horror, e o que encantava se fez nojo, em uma mistura de julgamento condenatório, rememoração do fato descoberto e confusão que impedem qualquer toque ou aproximação. A fragilidade experimentada é imensa.

De tão cabível, a pergunta “Quem é você?” espalha-se por outras instâncias da vida compartilhada, originando um questionário exaustivo da realidade, que passa a girar em falso na desilusão drástica. “Você realmente trabalhava às quartas-feiras?”, “Aquela viagem era mesmo a trabalho?”. Uma miríade de indagações, quase acusatórias, que pode ser resumida em uma única pergunta: “Era tudo mentira?”.

Essa pergunta, bem como “Quem é você?”, revela os efeitos da dissolução ilusória que separa o criado do encontrado. Se, no que tange aos objetos transicionais, não devemos questionar a junção para permitir a fruição criativa, agora, na desilusão drástica, a dor psíquica revela-se na confirmação de que sim, o sujeito do passado foi em parte criado. A dor contida na pergunta “Era tudo mentira?” é potencializada pela dúvida “Foi tudo invenção minha?”. Grande parte dos questionamentos busca também confirmar esse ponto, sabendo a medida – impossível de determinar – entre o que foi criado e o que foi encontrado. Na dor desse momento, algumas pessoas confessam ter medo de enlouquecer – revelando como o amálgama entre criado-encontrado não deve ser desfeito.

Retirar um elemento dessa cadeia psíquica paradoxal faz os demais componentes virem abaixo. O objeto amado era real, mas assentado sobre um solo compartilhado de ilusão – uma sobreposição de áreas intermediárias que fazia cada um encontrar-criar no outro o que necessitava. Esse encontro-criação ganhou apoio na confiança desenvolvida ao longo do tempo e das realizações conjuntas. Retira-se abruptamente a confiança, desfazem-se as ilusões, extingue-se a área intermediária. Dois estranhos íntimos passam a conviver. Perde-se a relação de objeto inteiro, avoluma-se o ódio absoluto. Com isso, soçobra o amor, levando a pique as memórias agradáveis. Se havia nessas memórias uma liga de ilusão, agora essa liga, que tornava tais experiências um registro do que era criado em conjunto, não tem mais força. As memórias perdem a história, a vitalidade, tornando-se papel fotográfico rasgado ou pasta de fotos apagada.

A desilusão drástica gera enorme sofrimento, movimentando o psiquismo para um redemoinho cujo centro traga a história compartilhada, colocando as representações do vínculo em xeque. Os questionamentos compulsivos dos fatos passados impedem qualquer síntese; sequer o ódio consegue produzir um sentido único, estável, sem ambiguidades no sujeito ferido. Essa ambiguidade pode não ser demonstrada ou assumida, mas precisa subsistir, pois

a força outrora criativa era expressão genuína do self. Perder tal força cobra o preço de um apagamento profundo do interesse para com a própria realidade. Há quem padeça desse apagamento, extinguindo-se momentaneamente a vitalidade em quem passa pela desilusão drástica.

Escutar e dar lugar às ambiguidades atravessadas durante esse período é uma das tarefas da análise. Sem alardes, precisamos resguardar o valor do que fora antes criado-encontrado, pois o objeto amoroso não era uma alucinação, tampouco um erro perceptivo absoluto. Se antes da desilusão drástica escutamos o amor que imantava de significados o par amoroso, conservá-lo dentro de nós, analistas, deixará disponível ao paciente seu cotejamento futuro, quando uma nova síntese psíquica for possível. No momento apropriado – ainda que longínquo –, devemos lembrar ao paciente o valor do que fora criado-encontrado, pois restituirá ao sujeito sua capacidade criativa, especialmente importante quando outras percepções sinalizarem o encontro de um novo amor.

O responsável pela desilusão drástica também sofre nesse processo. A dissolução do espaço potencial produz seus efeitos, e a consequência de ser alvo de ataques e questionamentos sucessivos depende da disposição em transformar o vínculo destruído. Se não houver tal interesse, o término pode vir com maior ou menor rapidez, maior ou menor desgaste, a depender da disposição beligerante. Um dos sofrimentos que testemunhei era do sujeito convocado constantemente a recontar a história da traição, como se um fato ainda inexplicado precisasse ser elucidado. A postura detetivesca, motivada por uma descrença fundamentada, não era o maior desafio, ainda que gerasse fastio e desesperança na superação do episódio drástico. A dor em narrar estava também na dor de ver-se responsável pela destruição do antigo vínculo. Contar, mesmo a pedido do outro, era novamente ferir, e ferir a quem se ama promove nova culpa. Também encontramos a defesa do eu na dificuldade em narrar uma história dissonante do vínculo original. A vergonha, a culpa e a vaidade misturam-se, resultando em silenciamentos e desespero por não saber como agir nos confrontamentos um tanto necessários.

Há um equilíbrio difícil de atingir nessas situações, pois indispor-se a contar o passado gera desconfiança, além de se temer que exista algo ainda mantido em segredo. Por outro lado, sem recontar o passado da traição e do vínculo do casal, não surgem novas bases perceptivas para a união. É necessário reafirmar repetidamente até mesmo o que era sólido – como o cotidiano de trabalho às quartas e as viagens preenchidas por compromissos profissionais. O óbvio precisa ser repetido e tolerado, pois perdeu sua veracidade inquestionada.

A duração desse episódio é uma variável imprevisível e exige disposição mútua à verdade para que possam compreender a antiga relação, seus limites, suas qualidades e, juntos, fundar um novo vínculo. Ao analista cabe também

explicar a importância desse processo, escutando as variáveis emocionais infantis ali presentes, pois novos aspectos da vida psíquica podem surgir, inclusive elementos transgeracionais ainda não explorados.

Até chegar a esse ponto futuro, devemos enfrentar uma dinâmica temporal singular na clínica das desilusões drásticas. Presente, passado e futuro são revirados, estabilizando-se apenas durante o escrutínio investigativo-inquisidor. Questiona-se o futuro: “Não íamos viajar no réveillon? E ainda assim você fez isso?”. A responsabilização é cobrada na busca por aferir a possibilidade de se ter formado a área potencial. A viagem agora impossível tinha sido gestada a dois, mas tendo matizes singulares para cada um. Essa criação, ali, na desilusão drástica, era agora dada como morta. Morta porque outrora viva, nascida no brincar que sonha futuros.

“Não éramos felizes?”; e remexe-se no passado, retomando episódios antes claros dessa certeza agora desfeita. Passado-presente-futuro sob custódia. Investigação que mira nos fatos, questiona o significado das experiências, mas deixa escapar a impalpável matéria da ilusão. Redemoinho que, enquanto dura, parece sem fim.

Ao descrever o “medo do colapso”, Winnicott aponta a violência presente nos ataques ao que seria o centro do self. Hoje a seguinte descrição, que outrora julguei exagerada, parece factível: “Estupro, ser devorado por canibais, isso são bagatelas comparados com a violação do núcleo do self, alteração dos elementos centrais do self pela comunicação varando as defesas” (Winnicott, 1963/1983a, p. 170).

Para o casal que deseja permanecer junto, a desilusão drástica cobra o preço de uma nova reelaboração constitutiva: a percepção do outro como confiável exige disposição ao diálogo franco e revisitação da história conjunta. Novos acordos, ainda que um tanto intelectualizados a princípio, precisam ser feitos, pois dão tempo ao casal para que surjam futuras ilusões. Até lá, onde a brincadeira existia fluida e a dança dos corpos movia o cotidiano compartilhado, existirá certa rigidez e acanhamento.

A espontaneidade, uma vez ferida, pode cicatrizar, mas perde parte de sua elasticidade por um período. Na intensidade íntima do sexo podem surgir aspectos inéditos que merecem atenção. A desfusão de ódio e amor deixou à tona componentes agressivos antes não tão acessíveis ou não tão intensos. A destrutividade existente após a desilusão drástica pode trazer um novo componente para a reconfiguração do vínculo. Com isso, intimidade e brincadeira, baseadas na confiança lentamente restabelecida, pode ter à disposição elementos agressivos inéditos e úteis na construção singular do casal. Ter em mente essa possibilidade, fundamentada teoricamente, pode auxiliar-nos na travessia da desilusão drástica junto a quem a produziu ou foi atingido por ela. Onde havia fim e desesperança, ataques e desconfiança, talvez enxerguemos processo.

Para concluir, vale a pena retomar o hábito winnicottiano de sumarizar alguns dos achados até o momento.

Características da desilusão drástica:

- 1) É repentina, não processual.
- 2) Pode ser deflagrada por revelações cujo caráter de exterioridade impõe checagem. A percepção é posta em xeque, além de ser exigida no reconhecimento da realidade disruptiva presente.
- 3) Não ocorre segundo a capacidade de tolerância dos envolvidos. É um choque. Provoca um choque.
- 4) Sob seu impacto, não há integração psíquica. Ao contrário, pode promover uma experiência de despersonalização momentânea e uma descrença sistemática que adquire ares duradouros se não houver tratamento.
- 5) A veracidade do vínculo é questionada, assim como a realidade é inquirida com vistas a aferir a percepção passada. Busca-se descobrir as bases originárias da confiança agora desfeita.
- 6) A desilusão traduz-se na percepção de ter sido enganado cruelmente.
- 7) Passado, presente e futuro são questionados sistematicamente.
- 8) Há uma desfusão do objeto inteiro. Amor e ódio são separados. O ódio torna-se preponderante.
- 9) Pode surgir uma organização falso self com função defensiva, provisoriamente necessária para sustentar o correr dos dias e a manutenção do cotidiano (Winnicott, 1960/1983b).
- 10) Restaurada a capacidade de integração, a experiência geradora da desilusão drástica pode favorecer um novo reconhecimento da realidade, restringindo os efeitos do ódio e permitindo o relacionamento com objetos inteiros.
- 11) Novos conteúdos podem ser trazidos à análise, materializando aspirações infantis presentes em ilusões não questionadas. Também podem surgir conteúdos transgeracionais que avolumam a dor sentida e a revolta com a responsabilização.
- 12) O objeto inicial, mesmo que sobreviva à desilusão drástica, não voltará a ser como antes. O tecido psíquico adquire certa rigidez, e o self central não será exposto facilmente, mas pode se beneficiar de fontes agressivas acasadas durante a desfusão emocional, que podem ser úteis na reconstituição do vínculo – caso tenham força para superar os efeitos da desilusão e, juntos, criar novas bases perceptivas favoráveis ao surgimento de gestos espontâneos.
- 13) O brincar, como sinônimo de vitalidade e criatividade, talvez fique impossibilitado por muito tempo. Daí o trabalho analítico – já apontado por Winnicott (1975a) como forma sofisticada de brincar – ser fundamental.
- 14) Reconhecer como processo o que se mostra terminado, não assimilar a parcialidade requerida nem desacreditar da criatividade primária que

originou o vínculo amoroso são recursos úteis no trabalho com esse sofrimento. Tolerar as verificações da percepção, trazendo cotejamentos pontuais e justapostos à medida de assimilação do sujeito ferido, também marca esse manejo, pois favorece a retomada da capacidade de síntese.

La desilusión drástica

Resumen: A partir del marco teórico winnicottiano, el autor presenta el concepto de desilusión drástica. Diferenciando esta experiencia de las desilusiones constitutivas experimentadas a lo largo del desarrollo emocional, discute las particularidades de este acontecimiento psíquico. En la desilusión drástica, ocurriría un cuestionamiento de las bases perceptivas que en su momento produjeron una unión amorosa impregnada de ilusiones no cuestionadas. También habría supresión de la confianza, componente del vínculo amoroso, así como defusión emocional, fusión que hacía íntegro el objeto, es decir, amado y odiado. El autor presenta como ejemplo de estas ocurrencias el trabajo clínico con pacientes que han pasado por el dolor de la traición conyugal. También discute el manejo clínico que surge de esta comprensión teórica, señalando cómo la potencia analítica en el cuidado puede favorecer la reintegración psíquica.

Palabras clave: desilusión drástica, ilusión, Winnicott, traición amorosa

The drastic disillusionment

Abstract: Based on Winnicott's theoretical framework, the author presents the concept of drastic disillusionment. Differentiating this experience from the constitutive disillusionments experienced throughout emotional development, he discusses the particularities of this psychic event. In drastic disillusionments, there would be a questioning of the perceptual bases that once produced a loving union imbued with unchallenged illusions. There would also be a suppression of the trust, a component of the love bond, as well as emotional defusion, a fusion that rendered the object whole, that is, both loved and hated. The author gives an example of these occurrences in his clinical work with patients who have experienced the pain of marital betrayal. He also discusses the clinical management arising from this theoretical understanding, pointing out how analytical power in care can facilitate psychic reintegration.

Keywords: drastic disillusionment, illusion, Winnicott, romantic betrayal

La désillusion drastique

Résumé : À partir du cadre théorique de Winnicott, l'auteur présente le concept de désillusion drastique. En différenciant cette expérience des désillusions constitutives rencontrées tout au long du développement émotionnel, il explore les particularités de cet événement psychique. Dans les désillusions drastiques, il y aurait un questionnement des bases perceptives qui ont jadis produit une union amoureuse empreinte d'illusions non remises en question. Il y aurait également la suppression de la confiance, composante du lien amoureux, ainsi que la défusion émotionnelle, fusion qui rendait l'objet entier, c'est-à-dire à la fois aimé et haï. L'auteur donne un exemple de ces occurrences dans son travail clinique avec des patients qui ont vécu la douleur de la trahison conjugale. Il discute également de la gestion clinique issue de cette compréhension théorique, soulignant comment la puissance analytique dans le soin peut favoriser la réintégration psychique.

Mots-clés : désillusion drastique, illusion, Winnicott, trahison amoureuse

Referências

- Abram, J. (2000). *A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott* (M. D. G. Silva, Trad.). Revinter.
- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Imago.
- Fulgencio, L. (2016). *Por que Winnicott?* Zagadoni.
- Freud, S. (2010). Formulações sobre os dois princípios do fundamento psíquico. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 10, pp. 108-121). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911)
- Winnicott, D. W. (1975a). O brincar: uma exposição teórica. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (J. O. A. Abreu & V. Nobre, Trans., pp. 59-78). Imago.
- Winnicott, D. W. (1975b). A localização da experiência cultural. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (J. O. A. Abreu & V. Nobre, Trans., pp. 133-144). Imago.
- Winnicott, D. W. (1975c). O lugar em que vivemos. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (J. O. A. Abreu & V. Nobre, Trans., pp. 145-152). Imago.
- Winnicott, D. W. (1975d). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (J. O. A. Abreu & V. Nobre, Trans., pp. 13-44). Imago.
- Winnicott, D. W. (1983a). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação* (I. C. S. Ortiz, Trad., pp. 163-174). Artmed. (Trabalho original publicado em 1963)
- Winnicott, D. W. (1983b). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação* (I. C. S. Ortiz, Trad., pp. 128-139). Artmed. (Trabalho original publicado em 1960)

Recebido em 3/2/2025, aceito em 25/2/2025

Ricardo Gomides

ricardogst@hotmail.com

doi: 10.69904/0486-641X.v59n1.04